

**A construção da mídia popular rádio primeiro de maio em tempos pandêmicos:  
um relato de experiência**

**The construction of popular media radio first may in pandemic times:  
an experience report**

Daniele Lopes Ferreira<sup>1</sup>  
Lucas Oliveira Alvares<sup>2</sup>  
Marcos Vinícius da Cruz Sant'Anna<sup>3</sup>

**RESUMO**

O trabalho traz o relato de experiência dos dois fundadores e da fundadora da mídia popular Rádio Primeiro de Maio, com maior enfoque no *podcast* produzido por eles. Para realizar a análise, contou-se com o método materialista histórico-dialético, a fim de compreender a história dessa mídia vinculada às contradições de seu tempo, no caso, o advento da pandemia por COVID-19. Ficou evidente que o contexto de isolamento social influenciou o formato e o conteúdo da produção, a qual tinha como princípio o par dialético desenvolvido por Freire da “denúncia” e “anúncio”. Identificamos nesse processo alguns conceito-chave da educação popular por meio dos quais a Rádio buscou construir uma mídia crítica, voltada para os interesses da classe trabalhadora de forma a tratar seus ouvintes de forma humanizada, sem depositar neles o conteúdo produzido.

**Palavras-Chave:** Educação popular. Educação humanizadora. Mídia e Educação.

**ABSTRACT**

The work brings the experience report of the two founders and the founder of the popular media Rádio Primeiro de Maio, with greater focus on the podcast produced by them. To carry out the analysis, the historical-dialectical materialist method was used, in order to understand the history of this media linked to the contradictions of its time, in this case, the advent of the pandemic caused by COVID-19. It was evident that the context of social isolation influenced the format and content of the production, which had as its principle the dialectical pair developed by Freire of “denunciation” and “announcement”. In this process, we identified some key concepts of popular education through which Radio sought to build a critical media, focused on the interests of the working class in order to treat its listeners in a humanized manner, without depositing the content produced in them.

**Keywords:** Popular education. Humanizing education. Media and Education.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal de Uberlândia (FACED/UFU) e bolsista pelo PET Conexões de Saberes e Educomunicação. E-mail: [lopesdani66@gmail.com](mailto:lopesdani66@gmail.com)

<sup>2</sup> Graduando em Psicologia pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Unidade Divinópolis. E-mail: [lucasoliveiraalvarezs@gmail.com](mailto:lucasoliveiraalvarezs@gmail.com)

<sup>3</sup> Graduando em Jornalismo pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Unidade Divinópolis. E-mail: [marksoad182@gmail.com](mailto:marksoad182@gmail.com)

## **Introdução**

As condições concretas latinoamericanas<sup>4</sup> estão submetidas a um subdesenvolvimento que acarreta a superexploração, pobreza e miséria sociopolítica-cultural de toda uma maioria de pessoas pertencentes à classe trabalhadora. No entanto, como uma das respostas subversivas a tais condições, a educação popular surge como movimento político e pedagógico que se insere de modo dialético na realidade, contra a lógica opressora ao propor uma educação a partir do povo.

Com princípios democráticos e subvertendo a hierarquia classista da hegemonia do poder, a práxis<sup>5</sup> de educadores populares não fica restrita às organizações de ensino, como escolas e universidades. O aprendizado a partir do povo emerge para muito além das estruturas de concreto das salas de aulas, pois está presente no seu cotidiano, em sua realidade no subdesenvolvimento, por meio de diversos espaços, materiais e métodos.

Nesse sentido, propõe-se apresentar a experiência de três estudantes como fundadores da mídia popular alternativa “Rádio Primeiro de Maio”. Ela é composta pelo *podcast* intitulado Rádio Primeiro de Maio (RPM) e pela conta homônima no Instagram (@radioprimeirodemaio). O presente trabalho terá maior enfoque sobre os processos voltados para o *podcast*.

Para tanto, o desenvolvimento desta apresentação se divide em quatro momentos mais uma conclusão. Inicialmente, parte-se dos conceitos da metodologia do materialismo histórico-dialético, apresentado por Picolli e Tumelero (2019) e da técnica de denúncia e anúncio expostas por Freire (1980) e Misoczky, Moraes e Flores (2009) como marco teórico crítico.

Em seguida, inicia-se a exposição da história, do funcionamento da Rádio, bem como a necessidade e o contexto da sua criação. Por se dar em meio à pandemia, a necessidade de isolamento social teve enorme influência no formato da mídia recém-criada, ao passo que o aprofundamento das contradições com a crise sanitária e humanitária devido à gestão burguesa (cuja lógica *não* é a de proteger a vida) diante da “crise pandêmica” influenciou o conteúdo produzido.

Após esse momento, descrevem-se alguns episódios a título de ilustração, a fim de salientar informações relevantes advindas da experiência ao longo de quase um ano de trabalho nessa mídia. Então, apresenta-se a discussão dialética da práxis da RPM como meio de educação popular. Por fim, o trabalho conclui com a perspectiva de demonstrar a práxis da educação popular da rádio como uma das inúmeras ferramentas para o trabalho de conscientização das classes oprimidas. O que coloca em foco um desafio transformador da realidade.

## **Marco Teórico**

A fundamentação teórica na qual a organização da Rádio é assentada parte, principalmente, do materialismo histórico-dialético, devido à contribuição do mesmo para compreender a realidade a partir das condições concretas de existência, buscando enxergar as relações sociais dentro de seu desenvolvimento histórico e material (PICOLLI; TUMELERO, 2019, p. 199).

Acrescenta-se que o conteúdo do *podcast* busca realizar análises de conjuntura, com “recortes” temáticos voltados para contribuir com os interesses e a conscientização da classe trabalhadora. Para tanto, os coordenadores compartilham da ideia desenvolvida por Misoczky,

---

<sup>4</sup> Os autores optaram por escrever desta forma, de maneira a respeitar a forma gramatical mais utilizada ao se tratar da população da América Latina.

<sup>5</sup> A palavra “práxis” não é grafada em itálico no presente trabalho, pois, embora seja uma palavra estrangeira, já consta em dicionários de língua portuguesa. Pode ser encontrada, por exemplo, em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/praxis>.

Moraes e Flores, a respeito de que o “processo coletivo de construção de aportes teóricos que contribuam para a práxis da libertação inclui dialogar com experiências significativas de organização popular e com as representações teóricas com as quais encontram correspondência” (2009, p. 448).

O desenvolvimento da Rádio ocorre a partir do diálogo com integrantes de movimentos sociais e culturais. O *podcast* formula uma estrutura reflexiva sobre a realidade na luta de classes, com conteúdos e métodos que visam não apenas compreender a realidade, mas pensar em constructos teórico-práticos para sua transformação, por exemplo, a partir da experiência relatada pelos convidados para o debate, tal qual foi descrito acima.

Nesse sentido, o trabalho foi desenvolvido com base no que Paulo Freire considera como o papel das educadoras e educadores. Sabe-se que a consciência vem "de dentro dos sujeitos" a partir de sua relação com o mundo e com os demais sujeitos (FREIRE, 2005), cabe ao educador promover mediações para que o sujeito se atente para sua condição real e histórica, e não torná-lo depósito de conteúdo.

Toma-se emprestado de Freire (1974) o termo “educação bancária” para problematizar as mídias que consideram seu público como “locais” de depósito do conteúdo produzido. A partir dos projetos midiáticos “bancários”, são transmitidas informações, dados, fatos e opiniões exteriores aos interesses da classe trabalhadora, o que contribuiu para a própria desumanização do público-alvo.

Como “conteúdos exteriores” à classe operária, compreendemos o direcionamento dado pela ideologia dominante naquilo que será trabalhado nos materiais produzidos pelas mídias, como se a “visão de mundo” dos opressores fosse algo natural ou o único caminho possível para discutir sobre os assuntos em pauta.

O estranhamento, portanto, é uma ferramenta essencial para desconstruir essas visões impostas pelos detentores da hegemonia. Para tal, a RPM demonstra algumas estratégias questionadoras quanto aos formatos e ao teor dessas mídias. Esses questionamentos levam à formulação de denúncia das condições desumanas e desumanizadoras proporcionadas pelos opressores, ou seja, a classe burguesa. Contudo, isso não é encarado com fatalismo.

Ao longo desse movimento de análise da realidade e de suas mazelas, o diálogo caminha rumo a compreender as estratégias exitosas e potenciais táticas de enfrentamento pensadas coletivamente pelos movimentos sociais. Isso é considerado como “anúncio”, como possibilidade de intervir nos rumos da história de forma sistemática e intencional.

Romper com a educação bancária promovida tanto pelas instituições de ensino, quanto em demais espaços, como as mídias, é uma forma de utopia, por isso é considerada a própria "dialeção dos atos de denunciar e anunciar, o ato de denunciar a estrutura desumanizante e anunciar a estrutura humanizante" (FREIRE, 1980, p. 27).

Ao analisar o *podcast*, é possível reconhecer em todos os treze episódios publicados, em menor ou maior medida, a presença da denúncia e do anúncio no sentido freireano. Isso será descrito com mais detalhes a seguir.

## **História e funcionalidade da RPM**

A proposta da organização da RPM surgiu no ano de 2020 (o primeiro episódio foi lançado estrategicamente no dia 01 de maio de 2020), logo no início da pandemia desencadeada pelo novo coronavírus, devido a inquietações de seus fundadores com a situação sociopolítica vivenciada no dia a dia da exploração capitalista e nas condições hodiernas enfrentadas no Brasil em decorrência da ascensão de Jair Messias Bolsonaro como presidente da República.

O governo de Bolsonaro apresentou caráter autoritário e tendências genocidas, pois se mostrou um negacionista frente aos enfrentamentos da pandemia, acarretando ainda mais a situação nacional. As características supramencionadas ficaram mais evidentes diante da

necessidade de enfrentamento da pandemia da COVID-19. Isso evidencia a questão de que não se trata apenas de um problema epidemiológico, mas algo profundamente ligado ao individualismo capitalista (HARVEY, 2020).

A necessidade de isolamento social para evitar o contágio pelo novo coronavírus, somada ao desejo de denúncia e transformação da realidade vigente, foi o contexto no qual a Rádio Primeiro de Maio foi gestada. O trabalho para o desenvolvimento desse veículo de mídia é dividido entre os três coordenadores que aqui escrevem este relato.

Entre as tarefas, podemos destacar uma divisão na seguinte forma: produção de artes e textos para alimentar o Instagram; manter o diálogo com seguidores que entram em contato pelo *direct*<sup>6</sup>; definir os temas para o *podcast* e convidar pessoas ligadas aos mesmos para o debate; elaborar roteiros, gravar, mediar e editar os episódios; participar de reuniões internas para avaliação e promoção dos episódios.

O sentido de organização e planejamento dos integrantes da Rádio identifica-se com a obra de Vasconcellos (2000), a qual trata o planejar como algo intrinsecamente ligado à realização do que foi planejado. Ou seja, planejar “é antecipar mentalmente uma ação ou um conjunto de ações a serem realizadas e agir de acordo com o previsto. Planejar não é, pois, apenas algo que se faz antes de agir, mas é também agir em função daquilo que se pensa” (VASCONCELLOS, 2000, p. 79).

Dessa maneira, o fato de os organizadores e a organizadora da Rádio considerarem relevante sistematizar juntos o episódio, executar e avaliar coletivamente, demonstra a ruptura com uma noção alienada de planejamento. Essa alienação, segundo Vasconcellos (2000), provém do fato de que uns “pensam”, sistematizam e organizam um projeto e outros são chamados a executá-lo.

Tal separação não existe na Rádio. Embora haja divisão de tarefas, ela não implica uma hierarquia ou uma dicotomia entre os que “pensam” e os que “realizam” as tarefas. Isso se reflete na própria organicidade desde as reuniões para definir a pauta do episódio até o momento no qual a gravação é lançada.

Essa dinâmica pode ser percebida pelas e pelos ouvintes, pois, no momento da gravação, todos os integrantes participam ativamente da mediação da conversa com a ou o convidado(a) daquele dia. Além de abordar a forma crítica de organização interna, é relevante destacar a expectativa de alcançar o maior público possível, de diversos setores sociais, dado que a RPM aborda assuntos essenciais voltados para a classe trabalhadora<sup>7</sup> no geral, bem como realiza em alguns episódios recortes voltados para determinadas pautas anti-opressão (como o combate ao racismo, machismo, LGBTfobia, capacitismo, entre outros).

### **A práxis revolucionária como *fio condutor* da RPM**

Um ponto essencial que podemos chamar de *fio condutor* da Rádio Primeiro de Maio é a escolha cuidadosa dos convidados, cujo critério basilar era o envolvimento com a práxis em contextos relacionados à temática de cada episódio. Em sua maioria, as convidadas e os convidados são vinculados a movimentos sociais e trazem suas experiências de organização

---

<sup>6</sup> Ferramenta do Instagram de mensagem direta. Por meio dele os seguidores do perfil da Rádio nessa rede social enviam dúvidas, sugestões, materiais para estudo e comentários sobre os programas.

<sup>7</sup> *Episódio 004 - Saúde e políticas públicas criminais no Brasil: Existem condições humanas nos presídios? Episódio 005 - Saúde e políticas criminais no Brasil. Episódio 007 - Antifascismo e ação direta na perspectiva anarquista. Episódio 008 - A arte como ferramenta política contra o fascismo. Episódio 010 - A Água é do povo! Episódio 013 - Desmantelando o colonialismo: Demarcação já! Não ao marco temporal!* Etc.

Todos os episódios podem ser acessados através do seguinte link:

<https://open.spotify.com/show/7ImAxgNG0u9OPNZKpyzIVx?si=dH8hrpf9TdWLNr4WBotT5Q>

coletiva para o debate durante a gravação. Pode-se identificar aqui um dos principais elementos sob o qual temos a ação educativa popular da Rádio Primeiro de Maio.

Com tom reflexivo e propositivo, o *podcast* é estruturado com algumas perguntas previamente preparadas, cujo teor era voltado para a “denúncia” no sentido freireano. As questões, no geral, trazem em si elementos para situar os ouvintes acerca da problemática a ser discutida. A convidada ou o convidado, ao responder, levanta alguns pontos que serão mais detalhados ao longo da conversa com os mediadores e a mediadora.

Assim, pode-se dizer que cada episódio conta com a análise da realidade com vistas a abarcar sua complexidade e desvelar contradições. A partir disso, a conversa caminha rumo a compreender a história e as estratégias dos movimentos sociais para resistir e enfrentar as condições impostas. Tem-se, então, o anúncio de possibilidades concretas de subverter a lógica cruel do capitalismo.

Para ilustrar, pode-se citar, por exemplo, a conversa gravada no episódio 004 (70 min.), sobre saúde e políticas públicas criminais no Brasil. Ambos os convidados, a advogada, professora Dra. Thayara Castelo Branco e o advogado criminalista Rafael Bezerra, trouxeram à tona a situação insalubre e degradante dos presídios brasileiros, a qual se aprofundou com o advento da COVID-19.

Após denunciar a lógica punitivista, trouxeram reflexões sobre a possibilidade de superar esse paradigma e a urgência de se repensar o que é “crime”, o que é “justiça”. Nos demais episódios, também fomos convidados a desvelar outros sentidos de termos que, talvez no cotidiano, pareçam unívocos, mas, na verdade, têm sentidos historicamente consolidados e, por vezes, conflituosos.

Por exemplo, o próprio episódio de estreia, lançado estrategicamente no dia 1º de maio de 2020, toca em pontos sensíveis, como o significado do trabalho na atualidade, em meio aos desmontes e à precarização. Tanto esse episódio, quanto o 007 (62 min.) abordam sobre o sindicalismo em diferentes perspectivas, sob a voz do sindicalismo revolucionário, através da participação do Professor Dr. Selmo Nascimento.

Na estreia, ouvimos sobre uma noção mais voltada para o sindicato de categoria e, no outro, a partir de uma perspectiva sindicalista revolucionária, uma fala sobre uma organização mais geral que demonstra mais afinidade com estratégias revolucionárias. Mencionar esse ponto é importante para evidenciar que há convidados com diferentes perspectivas teórico-metodológicas, há divergência de opinião, porém todos partem de um pensamento e de uma práxis críticos e anticapitalistas.

Conforme foi descrito, a estratégia de dialogar com sujeitos e grupos que lutam para romper com a lógica capitalista opressora é de extrema importância para construir coletivamente o esperançar como um verbo de ação, a esperança ativa, engajada com a transformação da realidade (FREIRE, 1992).

Nesse sentido, cabe mencionar que a cultura do fatalismo na sociedade capitalista, que paralisa e alimenta a inércia frente ao cotidiano da exploração, é muito comum em tempos de crise, nos quais é difícil enxergar uma saída. Em contrapartida, a RPM sustenta o esperançar coletivo da transformação social, no qual contribui para fortalecer e concretizar o lema da Internacional dos Trabalhadores, o qual diz que a emancipação só pode se dar por obra dos próprios trabalhadores (ANTUNES, 2014).

### **O corporativismo e a desumanização das mídias hegemônicas**

A construção da consciência coletiva a respeito da práxis libertadora, conforme discutido no decorrer do presente texto, passa pelo reconhecimento da inconclusão humana e do caráter histórico e social do gênero humano, de sua possibilidade de refletir e intervir no mundo a partir de suas relações nele.

Por conseguinte, é interessante salientar a questão da humanização e desumanização como uma discussão fundamental no momento de elaborar materiais audiovisuais que se pretendem educativos em alguma medida.

A questão da (des)humanização é uma problemática ligada a opções ético-políticas que devem ser adotadas ao se construir um *veículo de mídia*. Quanto às mídias hegemônicas, temos que, para

a comunicação corporativa, oficial, audiência é termo que remete, quase diretamente, a leitores, espectadores, ouvintes vistos e tratados segundo estratégias de mercado, de anunciantes, de empresas afeitas ao negócio que circula pela indústria da cultura (CITELLI, 2005, p. 72).

Ou seja, destitui-se dos sujeitos seu caráter humano, integral, para focar exclusivamente no seu potencial como consumidor ou consumidora. O consumo, no caso, pode ser da informação em si ou pode ser mais amplo, já que a construção do sentido é voltada para o interesse dos anunciantes, conforme supramencionado.

Dado que a maioria das produções de conteúdo midiático, tanto pelos meios televisivos, quanto pelos impressos ou virtuais, estão nas mãos dos grandes empresários, o discurso difundido massivamente é o da classe burguesa, a partir da própria comunicação corporativa (CITELLI, 2005). Obviamente, é sua opção política manter-se no poder, portanto, lançam mão de estratégias coerentes com isso.

Para tanto, as contradições muitas vezes são encobertas, discursos individualistas são produzidos e movimentos sociais organizados sofrem perseguição. Contudo, há as produções contra hegemônicas, em diferentes formatos, ainda que sem alcance tão expressivo quanto as das mídias corporativas. O próprio percurso da Rádio Primeiro de Maio descrito no presente trabalho retrata o rompimento com a monossímia a serviço do capital.

Os diálogos propiciados pelo *podcast* da Rádio entre movimentos populares, permeados por reflexões sobre as teorias com os quais possam ter correspondência, apresentam uma potência revolucionária no sentido de evidenciar o “princípio ético-material definido a partir da vida como critério de verdade” (MISOCZKY; MORES; FLORES, 2009, p. 448), algo essencial para promover mudanças rumo a um novo projeto societário, visando ao fim das opressões.

### **RPM como meio da educação popular**

É relevante abrir essa seção situando o que se compreende por educação popular. Segundo Brandão e Assumpção (2009), a educação popular “emerge como um *movimento* político de trabalho político com as classes populares por meio da educação” (BRANDÃO; ASSUMPCÃO, 2009, p. 27) e tem como intenção “propiciar a humanização e a libertação dos sujeitos que sofrem com as opressões políticas, econômicas e culturais” (*idem*, p. 10).

Ou seja, desde sua gênese histórica, a educação popular esteve vinculada com a emancipação da classe trabalhadora. A partir dessa concepção, há uma ruptura radical com as propostas educativas feitas *para* o povo, as quais têm um sentido de “domesticação” e visam inculcar valores para a manutenção do *status quo*. No geral, é associada com a educação formal e massiva.

Ao acrescentar o termo *popular* à educação, temos uma forma bastante diferente de encarar as relações educativas, com tentativas sistemáticas de organizar os processos *desde* o povo. Há diferentes sentidos atribuídos a essa concepção, contudo, aqui novamente nos vinculamos às reflexões de Brandão e Assumpção (2009, p. 11): “Primeiro, enquanto processo geral de reconstrução do saber social necessário, como educação da comunidade e, segundo, como trabalho político de luta pelas transformações sociais, como emancipação dos sujeitos, democratização e justiça social”.

Streck (2012) recorda que diversos grupos informais que promoveram a educação popular ao longo dos períodos ditatoriais que assolaram os países latinoamericanos, a partir das décadas de 1980 e 1990, institucionalizaram-se em forma de ONGs ou mesmo seus representantes assumiram secretarias de ensino. Contudo, esse processo ocorre simultaneamente aos *modelos* educativos informais.

Entre os modelos informais, podemos citar a organização de mídias populares com foco na construção da conscientização das oprimidas e oprimidos. A Rádio, por exemplo, se propõe a ser uma mídia radicalmente popular, voltada para temas caros à organização da classe trabalhadora rumo ao próprio processo de construção da consciência de classe.

Dentro da classificação de *podcasts* desenvolvida por Freire (2013, p. 131), a RPM se enquadra enquanto uma *produção original*, tanto por ser produzida como *podcast* desde o princípio, quanto devido à escolha mais *livre* das temáticas abordadas, no caso, a análise de conjuntura, tendo como horizonte os princípios do par dialético *denúncia e anúncio*.

A linguagem adotada é outro marco do referido enquadramento, pois ela foi contextualizada de acordo com o cenário educativo, de forma a abarcar e considerar a diversidade de valores do povo (FREIRE, 2013, p. 132).

Enquanto uma mídia que se propõe a se vincular à perspectiva da educação popular, de forma a considerar o *outro* enquanto sujeito pensante, reflexivo, produtor de conhecimento (e não apenas um público-alvo passivo sobre o qual são depositadas as análises), reconhece que a linguagem é um recurso fundamental para que haja comunicação de fato. Considera-se a comunicação um elemento fulcral para a concretização do processo educativo.

Também por considerar o público da RPM sujeitos históricos, capazes de atuar no sentido da práxis rumo à libertação, a mediação dos debates feita pelos três coordenadores tem como princípio a *denúncia e o anúncio*. O reconhecimento da historicidade e da realidade dialética requer pensar a necessidade de evidenciar as mazelas, a desumanização e as opressões sofridas (*denúncia*), ao passo que demonstra possibilidades para a superação desse contexto (*anúncio*).

### **Considerações finais**

Rosa Luxemburgo (*apud* LOUREIRO, 2005) evidencia que não há apenas uma dimensão ou uma única forma (partidos) para a organização da classe trabalhadora. Ela "valorizava as experiências produzidas em circunstâncias onde se colocam exigências que solicitam soluções imediatas" (MISOCZKY; MORES; FLORES, 2009, p. 448).

A Rádio Primeiro de Maio surge, nesse ínterim, como uma solução imediata a diversas inquietações relacionadas às opressões. Seu formato (redes sociais e *podcast*) foi bastante vinculado à necessidade de isolamento social, conforme dito no início do trabalho.

A opção política de desenvolver um trabalho vinculado aos interesses dos esfarrapados do mundo, da classe trabalhadora brasileira, é também um indicador de que a Rádio se alinha com o propósito da educação popular. Tal qual Brandão e Assumpção (2009) abordam em sua obra, a educação popular tem como princípio partir dos interesses do povo e ser construída a partir do povo. Assim, o processo educativo constrói-se com verdadeiro cunho emancipador.

No decorrer do processo de análise da mídia aqui trabalhada, nota-se o cuidado com a humanização e a compreensão do público como sujeitos, tanto na escolha das temáticas dos episódios, quanto nas discussões. O *podcast* se propôs a superar o bancarismo, busca, por meio de sua estrutura, promover reflexões, publicitar práticas libertárias, *confrontá-las* à luz de algumas teorias ou mesmo de outras práticas de movimentos sociais distintos.

O conjunto dos apontamentos leva a compreender que a preocupação dos organizadores da Rádio Primeiro de Maio em *construir* caminhos, sem impor uma única visão de mundo, com vistas a ampliar a consciência de classe, pode ser considerada uma prática de educação popular.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Ricardo. *A Associação Internacional dos Trabalhadores, 150 anos depois*. Blog da Boitempo, 2014. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2014/10/07/a-associacao-internacional-dos-trabalhadores-150-anos-depois/>. Acesso em: 25 jun. 2021.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues; ASSUMPCÃO, Raiane. *Cultura rebelde: Escritos sobre a educação popular ontem e agora*. São Paulo: Ed. L, 2009.
- CITELLI, Adílson Odair. (2005). Estratégias de resistência à mídia hegemônica. *Comunicação & Educação*, v. 10, n. 1, p. 71-73. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v10i1>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37511>. Acesso em: 24 jun. 2021.
- FREIRE, Eugênio Paccelli Aguiar. Análise classificativa de podcasts educativos. In: *Challenges 2013: aprender a qualquer hora em qualquer lugar, learning anytime anywhere*, p. 125-135, 2013. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Maria-Gomes-36/publication/259308845\\_Challenges\\_2013\\_Aprender\\_a\\_qualquer\\_hora\\_e\\_em\\_qualquer\\_lugar\\_learning\\_anytime\\_and\\_anywhere\\_-\\_Atas\\_da\\_VIII\\_Conferencia\\_Internacional\\_de\\_TIC\\_na\\_Educacao/links/5f763788299bf1b53e070c50/Challenges-2013-Aprender-a-qualquer-hora-e-em-qualquer-lugar-learning-anytime-and-anywhere-Atas-da-VIII-Conferencia-Internacional-de-TIC-na-Educacao.pdf#page=127](https://www.researchgate.net/profile/Maria-Gomes-36/publication/259308845_Challenges_2013_Aprender_a_qualquer_hora_e_em_qualquer_lugar_learning_anytime_and_anywhere_-_Atas_da_VIII_Conferencia_Internacional_de_TIC_na_Educacao/links/5f763788299bf1b53e070c50/Challenges-2013-Aprender-a-qualquer-hora-e-em-qualquer-lugar-learning-anytime-and-anywhere-Atas-da-VIII-Conferencia-Internacional-de-TIC-na-Educacao.pdf#page=127). Acesso em: 24 abr. 2021.
- FREIRE, Paulo. *Conscientização: uma teoria e prática da libertação introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Centauro, 1980.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2005.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992, 245 p.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1974.
- HARVEY, David. Política anticapitalista em tempos de COVID-19. In: DAVIS, Mike *et al.* *Coronavírus e a luta de classes*. Brasil: Terra Sem Amos, 2020, p. 13-23.
- LUXEMBURGO, Rosa. Um novo tipo de organização. In: LOUREIRO, Isabel Maria. *Rosa Luxemburgo: vida e obra*. São Paulo: Expressão Popular, 2005. p. 47-50.
- MISOCZKY, Maria Ceci Araujo; MORAES, Joysi; FLORES, Rafael Kruter. Bloch, Gramsci e Paulo Freire: referências fundamentais para os atos da denúncia e do anúncio. *Cadernos Ebape. Br*, v. 7, n. 3, p. 448-471, 2009. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-39512009000300005](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-39512009000300005). Acesso em: 24 abr. 2021.
- PICOLLI, Ana Clara Gomes; TUMELERO, Silvana Marta. Mulheres e Seletividade Penal: “Raça” e Classe no Encarceramento Feminino. *Temporalis*, v. 19, n. 38, p. 196-211, 2019.

STRECK, Danilo Romeu. Territórios de resistência e criatividade: reflexões sobre os lugares da educação popular. *Currículo sem Fronteiras*, v. 12, n. 1, p. 185-198, jan./abr. 2012. Disponível em: <https://www.curriculosemfronteiras.org/vol12iss1articles/streck.pdf> Acesso em: 26 jun. 2021.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. *Planejamento: Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico*. 7. ed. São Paulo: Libertad, 2000. (Cadernos Libertad, 1).